

Comércio de escravos preocupa autoridades

— Polícia diz-se no rasto da rede dos traficantes

Roque Muquessuane, administrador do distrito de Namaacha, contactado pela Reportagem do "Domingo" começou por reconhecer que o tráfico de homens que posteriormente são vendidos para as plantações da África do Sul, na mais humilhante condição de escravos, começou a preocupar as autoridades locais. Informou, contudo, que ele, assim como os outros seus colegas, nomeadamente o comandante da brigada local das Tropas de Guarda Fronteira e do comandante da PPM distrital foram afectados recentemente naquele distrito.

"Mas já chegámos à conclusão de que não se pode continuar com esse tipo de negócio, bastante vergonhoso para a reputação da personalidade dos moçambicanos. Aparentemente os residentes locais não têm problemas. A confusão parece vir com os traficantes de Maputo. Diariamente, centenas de camiões transportam jovens provenientes das províncias de Maputo, Gaza, Inhambane e outras, que são vendidos aos fazendeiros sul-africanos" — disse aquele responsável.

Em seguida admitiu que tem conhecimento da existência de redes de contrabandistas e traficantes orientados a partir da cidade de Maputo, que não só dirigem aquele "comércio de escravos", como sobretudo organizam as violações sistemáticas da linha da fronteira e fazem deliberadamente as pessoas saltar (furar as redes) para outro lado da fronteira, para Suazilândia e África do Sul, cobrando-lhes dinheiro. Outras fontes informaram que no "bairro da fronteira" existe um velho chamado Moçambique, conhecido como orientador de pessoas que desejam emigrar ilegalmente para aqueles dois países vizinhos. Como aquele velho, existem tantos outros indivíduos com residência em Namaacha cuja actividade principal para sua sobrevivência e angariação de dinheiro é orientar gente que pretende "furar a fronteira".

O administrador da Namaacha disse ainda que para além daquelas populações que efectivamente são vendidas como escravos, outros jovens existem saídos das províncias do país que afluem àquele distrito em grande massa com objectivo de emigrar à procura de emprego.

"A falta de orientação e reenquadramento dos desmobilizados do SMO também está na origem destes problemas que para nós já se tornaram dores de cabeça. O povo pergunta, como é possível recrutar as pessoas das suas povoações de origem para tropa e não se consegue devolvê-las e nem condicionar-lhes emprego. Este grupo de gente é utilizado como instrumento do crime — ajuntou o interlocutor.

Todavia, revelou que as autoridades locais, a Polícia, já se encontram na pista da rede desses traficantes e violadoras de fronteira. As investigações continuam. Mais do que nunca a vila agora encontra-se mais habitada. Há muitas famílias de deslocados que na medida do possível são integradas na comunidade. As oito localidades e o único posto administrativo de Changelane estão sob o controlo das autoridades. Um partido político apenas, o PALMO, é que aqui uma vez apareceu com seus representantes. A população local encontra-se actualmente numa fase de colheita, daí que aumenta a agressividade dos bandidos armados da Renamo que regularmente efectuem incursões silenciosas, nocturnas, matando, raptando e pilhando nas aldeias — disse.

LOJAS VAZIAS PREÇOS ALTOS

A nível daquele distrito o sistema de comercialização não é funcional. De acordo com Roque Muquessuane, alega-se como motivo principal desse problema a falta de transporte que assola o distrito. Mesmo a administração distrital não possui meio de transporte. Contudo, espera-se que a delegação da AGRICOM local brevemente possa adquirir um tractor para estes efeitos. Na vila, as lojas andam praticamente vazias e os preços são muito elevados, duas a três vezes superiores que os praticados na cidade de Maputo. Os preços praticados na indústria hoteleira também são insuportáveis, embora os seus proprietários defendam que são os mais baixos conhecidos em África.

Sobre este assunto, Roque Muquessuane sustentou que esta situação é resultado de cegueira comercial e falta de conhecimento de gestão das lojas. O mercado foi inundado pelos produtos sul-africanos, não existe fiscalização, faz-se comércio de joelho. Não se pode falar de turismo porque todas as iniciativas são destruídas pela guerra. O gado bovino foi praticamente dizimado. Aos domingos e quartas-feiras há muita população proveniente das regiões vizinhas da Suazilândia que vem fazer troca directa de diversos produtos com os residentes locais. Fala-se também de um projecto de recuperação e reabilitação da vila a ter início, provavelmente, o próximo ano.

NA ESTRADA A MORTE ANDA À SOLTA

Na Estrada Nacional nº 2, que liga a cidade de Maputo com a vila de Namaacha, a 76 quilómetros, junto à fronteira com a Suazilândia, não se pode afirmar que a situação militar se encontra boa ou má. Aliás, é quando se diz que se está a normalizar que acontecem genocídios. Facto estranho nos locais onde existem maiores movimentações de soldados é contrariamente onde as viaturas são mais atacadas. Há cidadãos que se queixam da existência de tropas que páram na estrada a fazer peditórios ou pedem boleias para se fazer transportar de posição para posição. Quando assim acontece, os viajantes entram em pânico, porque nunca se sabe quando são elementos da Renamo e quando é o exército.

Por outro lado, afirma-se que a estrada encontra-se severamente destruída. O administrador diz que a responsabilidade é da Direcção Provincial de Estradas e Pontes que, uma vez, tinha estabelecido contrato de reconstrução com a ECMEP, mas que nunca houve adiantamento. As pontes de travessia arguidas ao longo daquela via também se encontram num estado bastante avançado de degradação que se chega a pensar que se não houver medidas urgentes haverá tragédia. Maior alerta vem da ponte que se situa perto do cruzamento de Goba (quase a desabar), a do quilómetro 60 e a que fica próximo da Pedreira.